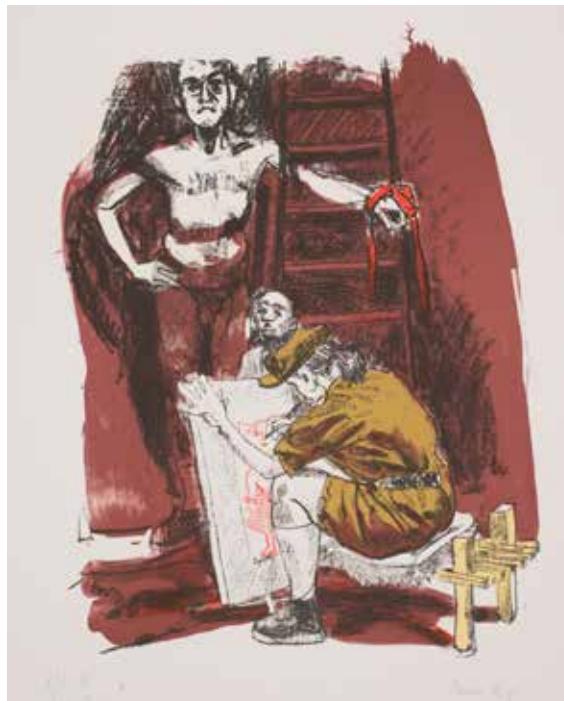


Paula Rego: desenhar, encenar, pintar

Curadoria: Catarina Alfaro

5 dezembro 2019 a 24 maio 2020



Paula Rego, Sala de desenho de modelo vivo II, 2005

Dez anos passaram desde a construção da Casa das Histórias Paula Rego, museu monográfico dedicado à artista. Nas 21 exposições sobre a sua obra realizadas neste período aprofundaram-se períodos específicos da sua vasta produção ou optou-se por apresentá-la de acordo com critérios temáticos. Será agora o momento próprio para procurar entender o processo criativo com que Paula Rego constrói um território figurativo único e pessoal.

O primeiro passo para compreender esse processo será admitir que na sua obra o desenho funciona desde sempre como matriz e força transfiguradora das histórias. Sabemos que Paula Rego desenha intensamente desde criança. Desenha como respira, com ou sem consciência deste ato. A intensidade da experiência física que o desenho traz consigo nunca a abandonará e instalar-se-á também na pintura quando, já na década de 1990, troca a tinta acrílica pela utilização dos lápis de pastel.

Para a artista todos os desenhos que realiza antes de desenvolver as suas complexas composições são importantes e quase todos são necessários. As obras escolhidas e agora dadas a ver fora do seu estúdio demonstram precisamente a condição não utilitária que atribui aos seus desenhos.

Apresentam-se nesta exposição desenhos soltos e cadernos de desenho, alguns deles nunca vistos publicamente. A seleção inclui, por um lado, variadíssimos desenhos livres, desenhos de modelo ou desenhos de composição, que estabelecem as coordenadas para um trabalho final habitualmente realizado em pintura ou gravura. Por outro lado, uma grande parte destes desenhos são execuções gráficas espontâneas que só têm lugar naquele pedaço de papel, constituindo-se como traduções diretas numa imagem de uma experiência emotiva, reveladoras de um processo de visualidade íntimo.

Tão importante quanto o desenho na concretização da sua linguagem visual será, a partir dos anos 1990, o processo que lhe permite criar a dimensão espetacular presente no modo como constrói as obras, conferindo-lhes o estatuto de verdadeiros quadros vivos. As histórias que conta começam a ser

encenadas, representadas e reinterpretadas no seu estúdio, ganhando vida própria através de modelos que seguem as percepções da artista. A partir do final dos anos 1980 Paula Rego começou a pedir aos seus familiares e amigos mais próximos que posassem para ela. A presença corpórea destes intervenientes, a forma como dirige os seus “atores” para se colocarem em cena, num espaço que começa a assemelhar-se a um palco, terá outras implicações no modo como irá conceber as suas obras. Já nos anos 1990 e até aos dias de hoje todo este processo inicialmente intuitivo evolui e afirma-se como uma complexa metodologia de trabalho. Modelos e cenários passam a ser fundamentais no processo criativo de Paula Rego, pois permitem que a sua imaginação e memória trabalhem e se revelem.

Para a concretização das suas pinturas há um primeiro momento em que as personagens são escolhidas num rigoroso casting dirigido pela artista. Quando não encontra o modelo ideal, cria um “boneco” tridimensional numa materialidade fabricada com o mesmo impulso artístico. Este trabalho de modelagem e de construção das suas personagens fora do papel e da tela aconteceu pela primeira vez entre 1977 e 1978, no contexto da sua pesquisa sobre os contos populares e os contos de fadas. Não será então de estranhar que em 2019, na Art Basel, a artista tenha apresentado ao público as suas criações tridimensionais em torno de uma temática comum: os sete pecados mortais. *Orgulho*, o sétimo dos vícios condenados pelos ensinamentos cristãos, é representado pela figura majestática de Marie Antoinette, a rainha consorte francesa julgada e condenada por traição durante a Revolução Francesa. Rego incorpora nesta obra uma série de outros elementos tridimensionais que já se encontravam no seu estúdio – incluindo modelos fabricados por si, mas que agora desempenham papéis diferenciados –, numa lógica de acumulação. Paula Rego constrói as suas obras sendo ao mesmo tempo personagem e narradora de histórias intemporais e reinscrevendo-as no seu próprio tempo. Nesse seu contar pela pintura ou pelos trabalhos de dimensão escultórica assistimos sempre a um processo de questionamento, mas também de revelação crua, e muitas vezes brutal, da natureza humana e das relações que os humanos estabelecem entre si, sejam elas familiares, amorosas ou políticas. Neste processo, as suas obras tornam-se no próprio pulsar desse território inóspito onde o drama se instala.

Percorso Expositivo

Planta do edifício
Piso térreo

Paula Rego:
desenhar, encenar, pintar



Patrocínio:



FUNDAÇÃO
D. LUIS

CASCAIS
Tudo começa nas pessoas